

"A PEQUENA SEREIA: UMA ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE E DA ARGUMENTATIVIDADE NO TÍTULO DE UMA REPORTAGEM SOBRE A NOVA VERSÃO FÍLMICA DA DISNEY"

"THE LITTLE MERMAID": AN ANALYSIS OF THE TEXTUALITY CRITERIA AND ARGUMENTATIVITY IN THE TITLE OF A REPORT ON DISNEY'S NEW FILM VERSION

Elisângela Costa Consentino¹
Isabel Cristina Cordeiro²
Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira³

RESUMO

Este estudo parte da noção de texto como forma de interação. Nessa abordagem interacional, os sujeitos são considerados agentes ativos que desempenham um papel na construção da sociedade. Ao criar o título de uma reportagem, a seleção de palavras e recursos linguísticos deve promover uma interação positiva com o leitor. Sendo assim, este artigo objetiva analisar os recursos linguísticos presentes no título e subtítulo de uma reportagem jornalística que trata da repercussão da última versão do filme "A Pequena Sereia", da Walt Disney Studios, com foco nos critérios de textualidade e na argumentatividade, conforme abordagens teórico-metodológicas fundamentadas na Linguística Textual. O corpus da análise é composto pelo título e subtítulo da reportagem publicada no site bebê.com.br, da editora Abril. A análise revela que, especialmente no contexto do jornalismo, os títulos seguem uma trajetória evolutiva semelhante àquela observada na publicidade, na qual a objetividade informativa é substituída por uma linguagem destinada a atrair e persuadir o público. Os títulos buscam impressionar o leitor, instigando o seu interesse pelo conteúdo da reportagem.

PALAVRAS-CHAVE: *textualidade; interação textual; recursos linguísticos; títulos jornalísticos.*

ABSTRACT

This study is based on the notion of text as a form of interaction. Within this interactional approach, subjects are regarded as active agents who play a role in the construction of society. When crafting the title of a news article, the selection of words and linguistic resources should foster a positive interaction with the reader. Therefore, this article aims to analyze the linguistic resources present in the title and subtitle of a news report addressing the reception of the latest version of Disney's film The Little Mermaid, focusing on textuality

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Bolsista CAPES. Londrina. Pr. Brasil. E-mail: elisangela.conse@uel.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9862-5008>

²Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina. Pr. Brasil. E-mail: isacris@uel.br . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2391-9787>

³Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina. Pr. Brasil. E-mail: lolyane@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9606-6869>

criteria and argumentation, as per theoretical and methodological approaches rooted in Textual Linguistics. The corpus of the analysis comprises the title and subtitle of a news report published on the website bebê.com.br, under Editora Abril. The analysis reveals that, particularly in the context of journalism, titles follow an evolutionary trajectory similar to that observed in advertising, where informative objectivity is replaced by language aimed at attracting and persuading the audience. Titles strive to impress the reader, sparking their interest in the content of the report.

KEYWORDS: textuality; textual interaction; linguistic resources; news headlines.

Introdução

Neste artigo, o texto é tomado como lugar de interação, considerando que, nessa concepção interacional, os sujeitos são vistos como seres ativos e construtores sociais. Conforme Cavalcante (2013, p. 19), "sujeitos são atores sociais levando em conta o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos". Assim, a teoria do texto é mediada por um viés interdisciplinar, uma vez que lança olhares para uma série de fatores linguísticos, como o pragmático, o semântico, o lexical, o gramatical, o social, ou seja, fatores que complementam a estrutura e a funcionalidade do texto.

Segundo Cavalcante *et al.* (2009, p.25-26),

[...] não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa.

Logo, o estudo do texto leva-nos a uma estrutura dotada de sentido, com objetivações e intenções definidas. No contexto jornalístico, os títulos desempenham papel fundamental na comunicação, sendo projetados para captar a atenção e persuadir o leitor.

De acordo com Carvalho (2002, p.10), “a publicidade utiliza vários recursos para influenciar o destinatário: a) ordenando – fazendo agir; b) persuadindo – fazendo crer; c) seduzindo – buscando prazer”. Diante disso, podemos dizer que os títulos de reportagens também cumprem função persuasiva, embora de forma discreta, sendo elaborados para que o público leia a reportagem, acredite nela e sinta prazer nesse ato.

Lustosa (1996, p.150), destaca que “A titulação da notícia é uma arte. Mesmo profissionais de imprensa competentes nem sempre conseguem produzir títulos atraentes, embora redijam textos de excelente qualidade”. Isto é, a elaboração de um título exige, além do conhecimento linguístico, uma boa dose de criatividade. Os títulos funcionam como uma “vitrine” do texto, além de ajudar a vender a revista, no sentido literal do termo, vendem a reportagem, ou seja, instigam a leitura.

Para isso, a escolha dos recursos linguísticos deve se ancorar na busca de uma interação positiva com o leitor. Essa interação com o leitor pode ser agradável, leve e de fácil compreensão, a depender da escolha de argumentos mais adequados para encaminhar determinada linha de raciocínio, assim como o amparo em provas reais. Também, outra estratégia pode ser a busca por impressionar o leitor através de palavras ou enunciados que toquem sua sensibilidade e conquistem a sua simpatia.

Considerando os mecanismos linguísticos que compõem o processo/ação/ interação do texto, este artigo objetiva investigar como os recursos linguísticos empregados no título e

subtítulo da reportagem sobre a repercussão da última versão do filme “A Pequena Sereia”, lançado pelo Walt Disney Studios em maio de 2023, contribuem para a argumentatividade e os efeitos de sentido. O texto foi veiculado na revista digital *bebê.com.br*, da editora Abril, em 13 de setembro de 2022. Para isso, adota-se como base teórica os critérios de textualidade definidos por Beaugrande e Dressler (1983), complementados por estudos sobre argumentação em textos de Koch (2014) e Cavalcante et al. (2022).

A matéria retrata a polêmica causada em torno de um vídeo, disponibilizado pela Disney, em que aparece a atriz Halle Bailey, que foi escolhida para protagonizar Ariel, personagem principal do enredo de “A Pequena Sereia”. O fato de Bailey ser negra causou muitos *deslikes*⁴ e comentários negativos, no entanto, em sinal de protesto, diversas famílias registraram meninas negras reagindo à novidade pela primeira vez. Os vídeos foram divulgados nas redes sociais e causaram emoção em grande parte do público.

A análise considera ainda o papel do jornalismo como prática discursiva, que vai além da informação objetiva ao incorporar elementos persuasivos e ideológicos (Marcuschi, 2008). A seleção do corpus reflete a relevância do tema, visto que a escolha de uma atriz negra para interpretar Ariel gerou um amplo debate sobre representatividade e preconceito nas redes sociais. Assim, este trabalho propõe a seguinte reflexão: Como os recursos linguísticos utilizados no título e subtítulo analisados mobilizam efeitos argumentativos e garantem a textualidade?

A metodologia adotada neste estudo segue uma abordagem qualitativa e interpretativa, embasada nos princípios da teoria dos critérios de textualidade de Beaugrande e Dressler (1983), além de outros estudiosos dessa teoria que fornecem a base necessária para a análise dos elementos constitutivos de um texto e suas inter-relações. Essa abordagem está estruturada para investigar como os diferentes componentes textuais interagem de forma a gerar efeitos de sentido, destacando as dinâmicas entre os elementos discursivos.

O processo metodológico proposto possibilita não apenas uma análise detalhada dos aspectos estruturais do texto, mas também uma compreensão mais profunda dos efeitos discursivos que surgem da interação entre os critérios de textualidade e as condições sociais e culturais envolvidas na produção e recepção do texto.

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a representação da mulher nos contos de fadas clássicos. Ao longo dos anos, essas histórias têm sido marcadas por características que, muitas vezes, simplificam e generalizam as figuras femininas, refletindo estereótipos que moldam a forma como as personagens são percebidas e interpretadas dentro de um contexto cultural específico.

A imagem da mulher nos contos de fadas clássicos

O conceito de “princesa Disney”, por muito tempo, foi disseminado reafirmando um estereótipo do padrão de beleza universal. Isso se deu através das representações das princesas, caracterizadas pela pele branca, cabelos longos, lisos e traços harmoniosos, que influenciaram e continuam a influenciar a autoimagem das meninas e de suas aspirações.

Os contos de fadas, considerados clássicos da literatura mundial, têm raízes que remontam a épocas antigas e nem sempre se apresentaram como os conhecemos atualmente. A aura de fantasia e ludicidade que os envolve hoje em dia emergiu da necessidade de suavizar narrativas que, no passado, eram controversas e polêmicas. O termo “contos de

⁴Neologismo emprestado do inglês em que une o radical “des-”, que representa a negação e “like”, que significa “gostar” ou “curtir” e, atualmente, é utilizado nas redes sociais, inclusive por falantes de língua portuguesa. Logo, a palavra passaria um significado de não gostar.

fadas" deriva de histórias com origens na cultura céltico-bretã, nas quais as fadas desempenhavam um papel crucial.

Mesmo antes do advento da escrita, as antigas tradições culturais já incluíam a prática de narrar histórias para crianças e adultos. À medida que a literatura infantil se desenvolvia, esses contos de fadas também acompanhavam a evolução tecnológica, adentrando os domínios do cinema. Esse movimento conquistou uma audiência maior, uma vez que as representações visuais das histórias por meio de cenas filmicas ganhavam espaço tanto na vida das crianças quanto na dos adultos.

Marcados pelas raízes mitológicas e revitalizados pelas influências culturais europeias, os contos de fadas foram adaptados para atrair o público infantil. Conforme o tempo passava, as mudanças nos contos estavam intrinsecamente ligadas aos avanços nas mídias, nas novas linguagens e nas ideologias que surgiam.

A influência mais marcante na adaptação dos contos de fadas para o cinema vem dos estúdios da Walt Disney. As adaptações filmicas dessas histórias incorporaram novos elementos estruturais e materiais impressos, o que representou um marco significativo nas matrizes culturais da infância no século XX. Essas adaptações simplificaram as narrativas, suavizaram conflitos e reforçaram a dicotomia entre o bem e o mal. Isso foi feito para enfatizar os valores morais e ideológicos por meio das imagens sedutoras e idealizadas oferecidas pela Disney.

Contudo, o avanço das tecnologias, incluindo as de informação, deu origem a diversas releituras dos contos de fadas, seja por meio de livros, jogos eletrônicos, filmes ou peças teatrais. No entanto, o cinema permanece como o meio de maior alcance e rentabilidade, apesar de sua interferência na capacidade da criança de criar uma vida imaginária.

A respeito da importância dos contos tradicionais no desenvolvimento da subjetividade das crianças, Bettelheim (2008, p. 11) argumenta que tais narrativas “devem estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções”. Os contos da Disney se distinguem dos contos clássicos, notadamente devido a seus objetivos econômicos. Os filmes da Disney geram uma ampla variedade de produtos derivados, desde roupas e canecas até eletrônicos e decorações, formando a base substancial do lucro da empresa.

Além do domínio na indústria do entretenimento, a Disney tornou-se um canal de difusão de ideologias, promovendo valores culturais americanos voltados para o público infantil. O mundo capitalista abraçou as criações da Disney, já que suas animações influenciaram o embelezamento dos contos de fadas, através de seus filmes, impactando a cultura infantil.

Ao analisar o impacto de *Walt Disney* na cultura infantil, Giroux (1997) descreve como a *Disney* cativou de maneira notável crianças e jovens, assim como a cultura visual em geral, que inclui a televisão, o cinema, os videogames e outros meios de entretenimento. Esses meios, como aponta Giroux (1997, p. 51) “priorizam os prazeres da imagem em detrimento das exigências intelectuais de análise crítica”.

As representações contemporâneas nos contos de fadas refletem uma evolução na concepção da mulher como heroína, rompendo com a tradicional visão de passividade e dependência masculina. Notamos uma mudança na personalidade das personagens femininas, que agora são fortes, competentes e destemidas, tanto em termos de personalidade quanto de aparência física.

Essa transformação nas narrativas e nas personagens busca uma maior semelhança com a vida real para envolver o leitor/espectador. A abordagem menos fantasiosa torna a

narrativa mais acessível ao público, uma vez que os elementos surreais podem parecer distantes do contexto real.

De acordo com Rojo e Moura,

Conforme a linguagem cinematográfica desenvolve-se dentro de um modelo mais industrial, os delírios e extravagâncias dos primeiros filmes entram em declínio e aos poucos são substituídos por outro tipo de espetáculo, mais preocupado com a verossimilhança dos eventos, empenhado em converter-se no espelho do mundo (Rojo; Moura, 2019, p. 117).

Consequentemente, os contos de fadas e suas representações continuarão a evoluir, refletindo as mudanças na sociedade e na cultura. O esforço de tornar as histórias mais próximas da realidade tem o propósito de envolver o público, permitindo que adultos e crianças se identifiquem com as personagens. No entanto, é importante reconhecer que ainda existe resistência por parte de espectadores que não se sentem representados e que são influenciados por ideologias enraizadas nas histórias clássicas.

A Linguística Textual e os critérios de textualidade

A Linguística Textual preocupa-se com o texto como um todo, desde a sua produção, construção, funcionamento e compreensão. Marcuschi (1983, p. 12) define a Linguística Textual como “o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”.

Quando pensamos que a escrita proporciona a permanência da informação, pois perdura pelo tempo, e que ela tem a finalidade da leitura que gera o conhecimento, torna-se instigante refletirmos e compreendermos o processo de produção desse texto. As manifestações linguísticas são constituídas por argumentos, pois não há discurso neutro, todo discurso é carregado de subjetividade, como menciona Koch, em que

o ato de argumentar constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia [...]. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (Koch, 2002, p. 19).

Assim, no ato da enunciação, os sujeitos envolvidos procuram estabelecer relações, causar determinados efeitos de sentido, mobilizar comportamentos e, por meio desse discurso, atuar sobre os outros. Em função disso, constatamos que a argumentação é uma característica fundamental do uso da linguagem.

Ao construir significados a partir de um texto, devemos considerar não apenas a materialidade dos elementos lingüísticos presentes em sua superfície. Além disso, é fundamental reconhecer que, durante o ato de leitura, é essencial ativar os conhecimentos armazenados na memória do leitor ou receptor. A elaboração de um texto envolve uma ampla gama de fatores multiculturais, uma vez que o autor mobiliza uma rede complexa de influências ao expressar suas ideias, seja por meio da escrita ou da fala.

Nesse aspecto, vale salientar a importância de garantir o sentido nas produções textuais, seguindo a perspectiva de que o sentido de um texto não está inerentemente nele, mas, como destacado por Koch (2014), é construído a partir do próprio texto. À vista disso, nossa análise do *corpus* é direcionada à identificação e compreensão dos recursos lingüísticos empregados pelo autor para atingir os efeitos de sentido almejados, uma vez que, como mencionado, todo texto é elaborado com uma intencionalidade subjacente.

O processo de criação de um texto, seja ele oral ou escrito, é resultado de uma interação complexa entre linguagem e sujeitos, sempre permeado por um princípio de

intencionalidade que pode variar entre solicitar, informar, sugerir, argumentar, entre outros. Esse princípio de intencionalidade visa a provocar uma ação e estabelecer a base para a aceitabilidade. Na dinâmica entre autor, texto e leitor, os sentidos são construídos. Os procedimentos argumentativos são escolhidos de acordo com as relações entre os interlocutores em um determinado contexto discursivo, a fim de alcançar os efeitos de sentido desejados. Desta forma, introduzimos alguns conceitos teóricos relativos aos principais critérios de textualidade que foram empregados na construção do *corpus*, uma vez que serão relevantes ao longo das análises.

A compreensão de um texto não se restringe somente a seus elementos estruturais, mas também incorpora elementos contextuais. Nesse sentido, Beaugrande e Dressler (1983) estabeleceram sete critérios de textualidade, que se dividem em categorias semânticas e pragmáticas. Os fatores semânticos incluem a coerência, que se concentra nos sentidos construídos e na consistência das ideias, e a coesão, responsável por conectar as partes do texto, estabelecer relações entre elas e unificar os sentidos.

Em relação à coesão, é importante destacar que ela estabelece uma conexão sólida entre as partes do texto, obtida através da escolha apropriada de operadores textuais. Funciona como uma linha que vai costurando as frases e parágrafos, colaborando com a coerência para conferir um significado abrangente ao texto, conforme enfatizado por Koch.

[...] nos textos em que a coesão está presente – já que ela não é condição nem necessária, nem suficiente da coerência –, pode-se afirmar que ambas passam a constituir as duas faces de uma mesma moeda, ou então, para usar de uma outra metáfora, o verso e o reverso desse complexo fenômeno que é o texto (Koch, 2014, p.58).

A coesão opera como uma parte integrante do sistema de uma língua, embora se trate de uma relação semântica, concretizando-se por meio do léxico-gramatical. Dentro do âmbito da coesão, encontramos mecanismos linguístico-gramaticais, como: coesão lexical, referenciação, substituição, conjunção e elisão.

Por outro lado, a coerência diz respeito à estrutura profunda do texto, relacionando-se com o sentido do texto. Este critério está intrinsecamente ligado à organização das ideias e dos argumentos. Sem coerência, o texto se torna ininteligível e não cumpre sua função comunicativa. “Portanto, para haver coerência é preciso que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos” (Koch, 2014, p. 22). Assim, a coerência em um texto se manifesta na forma de sentido e de enunciados ligados de maneira ordenada, significativa e facilmente compreensível para o leitor, permitindo a compreensão do texto como um todo coerente.

Já a construção dos critérios pragmáticos de textualidade ocorre pelos elementos extratextuais, que influenciam tanto na produção quanto na recepção ou compreensão do texto. Neste nível, existem a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade, a intextualidade, entre outros que têm sido acrescentados aos estudos da textualidade.

A intencionalidade está associada ao enunciador, que se dispõe dos vários recursos linguísticos e discursivos para atingir sua finalidade comunicativa. Esse critério consiste basicamente na intenção do autor do texto. Conforme afirma Beaugrande (1997 apud Marcuschi, 2008), tanto a intencionalidade quanto à aceitabilidade estão intrinsecamente relacionadas à situacionalidade, ambas são critérios da textualidade e se ligam às noções da Pragmática. Assim, a aceitabilidade alcança a expectativa do receptor, tornando o conjunto de ocorrências com o qual ele se depara em um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de

levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor (Costa Val, 1991). Ainda, nas palavras de Koch (2004, p. 79), “as noções de intencionalidades e aceitabilidade são introduzidas para dar conta, respectivamente, das intenções dos emissores e as atitudes dos receptores”.

A situacionalidade precisa manter relação com a situação sociocomunicativa, a qual deve adaptar-se e determinar uma relação com o contexto em que o texto é produzido ou recebido. Por meio dela, será estabelecido o significado do ato de escrever, determinante para o grau de motivação do leitor. Essa situação comunicativa define vários outros critérios que contribuem para a direção da construção textual.

A autora Costa Val (1991) sustenta que Grice (1975; 1978) formulou as máximas conversacionais como princípios que orientam a produção discursiva, com o objetivo de garantir a aceitabilidade da mensagem pelo interlocutor. Essas máximas estão fundamentadas no conceito de cooperação, que implica atender às expectativas comunicativas do receptor, buscando responder aos seus interesses de maneira eficaz. Entre as estratégias identificadas por Grice estão as máximas da qualidade, que enfatizam a veracidade das informações; da quantidade, que se refere ao fornecimento de dados suficientes e informativos; da relevância, que trata da pertinência dos conteúdos em relação ao contexto da interação; e da maneira, que abrange aspectos como clareza, ordenação e precisão no discurso. Essas diretrizes servem como parâmetros para a construção de mensagens que favoreçam uma interação comunicativa eficiente e significativa, contribuindo para a compreensão mútua no processo de comunicação.

Beaugrande e Dressler (1983) sugerem que a informatividade ideal para o leitor encontra-se em um nível intermediário, pois isso facilita a construção de novos conhecimentos a partir do que já se sabe. A informatividade de um texto, nesse contexto, pode ser mensurada com base no repertório de conhecimentos do leitor, que é formado a partir de suas práticas e experiências sociais. Textos que apresentam menor previsibilidade são considerados mais informativos, já que trazem novos elementos que podem provocar maior interesse e engajamento. Assim, quanto mais um texto surpreende o leitor, maior a probabilidade de ele captar sua atenção e estimular reflexões, visto que o conteúdo novo se conecta ao conhecimento prévio, promovendo uma construção ativa do sentido. Essa perspectiva sublinha a importância de considerar o público-alvo na elaboração textual, ajustando a quantidade de informações novas para manter o equilíbrio entre novidade e acessibilidade.

A intertextualidade, segundo Koch e Elias (2012), parte do pressuposto de que todo texto sempre remete, de alguma forma, a outros textos, estabelecendo conexões com produções anteriores. Para os autores,

[...] a intertextualidade é o elemento constituinte e construtivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos (Koch; Elias, 2012, p. 86).

Conforme ressaltado por Cavalcante et al. (2022), a intertextualidade pode se manifestar de diferentes formas em um texto, sendo classificada por Carvalho (2018) em duas categorias: intertextualidade estrita e intertextualidade ampla. Nesse processo, pode-se observar a ocorrência de citação, paráfrase, alusão, paródia, metatextualidade, transposição e imitação. No entanto, a intertextualidade não é considerada indispensável para a construção textual. Entende-se esse fenômeno como um recurso discursivo e textual utilizado para construir, reproduzir ou transformar significados.

A intertextualidade, por sua vez, não é indispensável para a textualização. Em nossa proposta, entendemos esse fenômeno como um recurso textual-discursivo por meio do qual se constrói, reproduz ou transforma o sentido. Admitimos a relação intertextual: i) quando há diálogo entre textos específicos, dado pela inserção de partes de um texto em outro, ou pelas modificações operadas em um texto de modo que se transformou em outro, ou, ainda, quando um texto cumpre a função de comentar outro, casos a que chamamos intertextualidade estrita; e/ou ii) quando não há a retomada de um texto específico, mas se verifica a imitação entre gêneros do discurso ou entre estilos de autores ou quando um texto alude a conteúdos explicitados em textos diversos, situações a que chamamos intertextualidade ampla. (Carvalho, 2018, p. 18-19)

Essa abordagem, conforme Carvalho (2018), sugere que a intertextualidade seja compreendida como um recurso discursivo utilizado para construir, reproduzir ou modificar significados. A intertextualidade estrita é marcada pelo diálogo direto entre textos, seja por meio da inserção de partes de um texto em outro, de transformações que alteram um texto, ou de um texto que desempenha a função de comentar outro. Já a intertextualidade ampla ocorre quando não se retoma explicitamente um texto específico, mas há imitação entre gêneros discursivos, estilos de autores ou alusões a conteúdos presentes em outros textos.

Logo, seria como tomar emprestado um discurso mediante uma leitura, e sempre resgatá-lo pela sua memória, como fazer uma referência, por exemplo. Com base nesse referencial e nesses conceitos, o objetivo da próxima seção é analisar o *corpus* selecionado para este artigo. Assim, vamos examinar os elementos de textualidade em um título de reportagem, assim como sua relação com a ideologia e o lançamento do filme “A Pequena Sereia”, dos estúdios da Walt Disney.

A Linguística Textual considera que a análise de um texto vai além de sua estrutura linguística, englobando um conjunto de elementos responsáveis pela sua coerência em diferentes contextos. De acordo com Cavalcante et al. (2022), esses aspectos estão presentes nas diversas dimensões textuais, como a coesão, a estrutura retórica e os fatores pragmáticos que orientam a interação entre os interlocutores. Tais elementos não são fixos, mas se atualizam no momento da interação, seja na modalidade oral ou escrita, dependendo das condições discursivas específicas. Isso implica que a coerência textual não é um atributo exclusivamente formal, mas depende da relação entre o texto e seu contexto de produção, além das expectativas e conhecimentos compartilhados pelos participantes da interação. Portanto, a Linguística Textual preocupa-se em compreender como os textos se constroem de maneira significativa nas práticas sociais e comunicativas, levando em consideração as influências situacionais e culturais que permeiam o discurso.

Análise do *Corpus*

Figura 1 – Título da reportagem



A Pequena Sereia: teaser com Ariel negra é alvo de ataques na internet

Fãs criticam a cor da pele diferente da personagem na história original da Disney, enquanto entusiastas comemoram a representatividade. Entenda!

Por Carla Leonardi 13 set 2022, 16h47

LEONADI. Carla. A pequena sereia: teaser com Ariel negra é alvo de ataques na internet. *Bebê.com.br*. 13 de set. de 2022. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/familia/a-pequena-sereia-teaser-com-ariel-negra-e-alvo-de-ataques-na-internet/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Inicialmente, na leitura do título da reportagem, observamos que a autora se apropria do termo estrangeiro *teaser*, cuja tradução para a língua portuguesa é *provocação*, que se refere a um recurso de propaganda utilizado para novos produtos, no qual se omite a identificação do objeto, com o objetivo de provocar a curiosidade do público em torno do lançamento iminente. Carla Leonardi, jornalista e, também, formada em Letras, utiliza essa expressão considerando o público-alvo do seu texto, famílias com uma faixa etária mais jovial, expostas e abertas à variadas novidades, inclusive os termos tecnológicos recentes que estão sendo propagados na mídia, como a expressão supracitada.

A reportagem abordou, na época, um fato recente acerca da prévia do filme prestes a ser lançado. Para que o leitor compreenda do que se trata o texto, é necessário que haja a informatividade, pois todo texto deve comunicar algo, além de ser essencial que se pense na situacionalidade, considerando o contexto de produção. Ainda, verifica-se que o suporte da reportagem é uma revista digital, direcionada à família, principalmente à maternidade. Considerando isso, é comum que os pais se preocupem com o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos seus filhos. Desde muito cedo, começam a estimular esse desenvolvimento, contando ou criando histórias, a fim de aguçar o sentido cognitivo das crianças. Normalmente, as histórias infantis fazem parte da vida da maioria dos seres humanos, logo, o assunto em pauta é uma informação importante para o público deste meio de comunicação. Considera-se, também, que muitas famílias se sentem representadas pela nova protagonista do filme a ser lançado, por conta da utilização do substantivo “representatividade”.

Posto isso, podemos constatar que a autora faz uso da situacionalidade, quando adapta as manifestações linguísticas à situação comunicativa do texto, associadas ao contexto. De acordo com Beaugrande (1997 apud Marcuschi, 2008), além de determinar o contexto interpretativo, a situacionalidade serve como um guia na própria produção, desempenhando um papel estratégico. Através dela, a situação de comunicação se torna clara: quem é o autor? Para quem é a mensagem? Com que intuito está sendo escrita?

Na sequência, na elaboração do enunciado, também observamos o uso de seleção lexical pertencente ao mesmo campo semântico da tradução mencionada: o substantivo *provocação* (*teaser*) seguido dos substantivos *alvo* e *ataques*, que pertencem à mesma esfera de *batalha/guerra*.

Desde o momento em que nos propomos a estabelecer uma determinada comunicação, temos um objetivo a cumprir: atingir nosso interlocutor, mediante a efetivação do enunciado.

Entretanto, precisamos ter a consciência de que essa interlocução somente irá se realizar se houver clareza acerca da enunciação, de modo a cumprir todas as finalidades às quais se propõe o emissor e, para isso, a escolha do vocabulário é fundamental. Conforme Koch (2002), a seleção lexical é de extrema importância para a construção dos sentidos. Então, a partir dessa seleção, há uma manifestação de afetividade e de argumentatividade que objetiva alcançar determinada conclusão.

Os critérios de textualidade são recursos linguísticos que compõem o enunciado, sendo bem comuns nos textos jornalísticos. Ao lermos a primeira frase, deparamo-nos com a abordagem que traz a intertextualidade e as possibilidades de interpretação. Uma delas é o resgate da imagem clássica de Ariel, a sereia branca que estávamos acostumados a ver nas imagens dos livros ou telas do cinema. Logo, percebemos que a construção do enunciado colabora para esse resgate.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a intertextualidade ocorre quando um texto se conecta a outros, incorporando elementos que fazem parte da memória social e cultural de uma coletividade. Esse fenômeno destaca a presença de referências explícitas ou implícitas a textos anteriores, evidenciando como a produção textual se apoia em significados já estabelecidos. Essa retomada de elementos consolidados permite a preservação e a ressignificação da memória coletiva em novos contextos discursivos. A intertextualidade não se limita a uma simples citação, mas ajusta os significados preexistentes às condições específicas de seu novo uso, estabelecendo uma relação de dependência entre os textos.

No exemplo da versão da princesa negra, os ataques na internet estão relacionados à existência de um texto anterior que apresenta a princesa como uma figura de pele branca. Essa conexão intertextual revela como a nova produção textual é impactada pela memória coletiva e cultural, sustentando o significado e a recepção de novas versões e interpretações. A presença de intertextos reafirma ou contesta elementos previamente estabelecidos, contribuindo para o entendimento e reinterpretação dos significados na sociedade.

Cavalcante et al. (2022) ressaltam que a intertextualidade é um fenômeno discursivo que se manifesta em diferentes contextos de produção textual, englobando tanto elementos textuais quanto visuais. O aspecto central desse fenômeno é a incorporação de elementos de outros textos, sejam eles explícitos ou implícitos, pois todos os textos são, em diversos níveis, influenciados por outros dentro do contexto social do enunciador. Conforme apontado pelos autores,

A expressão intertextualidade se originou da ideia de influência de um texto sobre outro, isto é, da percepção de que, em diferentes graus, todo texto continha atravessamentos intertextuais, pois, ao escrever, estabelecemos um diálogo (do qual 9 temos consciência ou não) com outras coisas já ditas, como um verdadeiro elo, numa corrente infindável de textos. Em outras palavras, um texto retoma outro, contestando-o ou reafirmando-o; ou imita o padrão genérico de outro; ou ainda imita traços estilísticos de um dado autor. (Cavalcante et al., 2022, p. 375)

Dessa forma, é possível observar que a intertextualidade, longe de ser um recurso isolado, é um elo contínuo que estabelece diálogos entre textos e entre o passado e o presente, refletindo a dinâmica cultural e discursiva de uma sociedade. Ao resgatar e modificar significados preexistentes, os textos se atualizam e se ajustam às novas condições de produção e recepção, permitindo que o significado seja transformado, adaptado e ressignificado conforme o contexto de sua nova construção.

Ainda no mesmo enunciado, observamos uma frase nominal também denominada frase inorgânica ou incompleta: *A Pequena Sereia*. De acordo com Martins (2012, p. 181),

A frase incompleta pode apresentar vários graus de implicitação e de afetividade; no caso de não ser uma simples informação concisa, a redução da estrutura lógica determina a concentração do conteúdo – e da sua carga emotiva – no termo ou nos termos expressos.

Para Melo (1976, p. 129), “normalmente, a frase nominal fornece ou retrata uma visão estática das coisas, do fenômeno, da situação, do acontecimento, ao passo que a frase verbal traduz uma visão dinâmica, cinematográfica”. Desse modo, é como se tivéssemos na frase nominal o retrato da pequena sereia, uma visão estática da imagem, porém com possibilidades de interpretar os detalhes. Essa estrutura é um recurso linguístico extremamente importante para chamar a atenção do leitor, já que o ser humano tem facilidade para estabelecer comunicação com os elementos gráficos, por ser essencialmente visual.

Após a frase nominal, há o uso dos dois pontos (:), que, além de marcar a entonação do enunciado e trazer uma frase nominal, acrescenta informações relevantes à legenda. Sabemos que, na correria cotidiana, entramos em contato com uma infinidade de conteúdos na internet, em que apenas os títulos são lidos. Logo, evitar enunciados longos é uma estratégia linguística e, muitas vezes, os dois pontos estão ali por concisão, sendo a palavra ou expressão que identifica o assunto do texto separada por dois pontos da informação a ser transmitida. De acordo com Melo (1976, p. 125), “a necessidade de comunicação rápida, sintética, reduzida ao essencial, para poupar tempo e espaço, também é um fator que torna essa estrutura gramatical existente e expressiva”.

A autora também faz uso da seleção lexical, quando utiliza os adjetivos *negra*, no título, e *diferente*, na linha fina da manchete, para abordar a cor de pele de Ariel, quando poderia utilizar termos como: *preta* e *afrodescendente*. A expressão *cor de pele diferente* também chama a atenção pelo seu sentido ambíguo: cor de pele diferente por não ser branca como a sereia da versão original ou ter pele negra é ter pele diferente da convencional?

Notamos que o texto foi construído por uma escolha vocabular, seguida de intencionalidade. Assim, considera-se a intenção do autor como um fator relevante para a textualização, pois nenhum texto é inocente, todos têm uma intenção. Ainda, um texto é produzido com uma finalidade que deve ser compreendida pelo leitor: “Com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto é produzido com objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor” (Marcuschi, 2008, p.127). Desse modo, o texto deve ser compatível com os objetivos de quem o elabora, levando em conta que o enunciador dispõe de vários recursos linguísticos e discursivos para atingir sua finalidade comunicativa.

Na sequência, na linha fina, no período composto, as escolhas dos recursos ficam evidentes, quando pensamos na construção dos efeitos de sentido que a colocação dos substantivos *fãs* e *entusiastas* refletem no texto. Por mais que tenhamos uma coesão por substituição, já que os dois termos aparecem como sinônimos no dicionário, se invertêssemos as palavras, não teríamos o mesmo efeito semântico.

Além disso, a ausência do artigo definido *os* ou do pronome indefinido *alguns* antes dos substantivos *fãs* e *entusiastas* denota que há um distanciamento do nome a que se refere o substantivo, assim generalizando os fãs e os entusiastas. Também podemos associar a palavra *fã* ao sentido negativo do termo, como o *fanatismo*, visto que esses criticam/condenam, mais uma palavra pertencente ao campo semântico de guerra, enquanto a palavra *entusiasta* emana alegria. Podemos dizer que temos um grupo de agressores contra a ideia de trazer uma

protagonista de pele negra e um grupo de pessoas felizes, porque agora se sentem representados pela nova personagem negra.

Com relação ao elemento de coesão textual, há o uso da conjunção temporal *enquanto* ligando uma oração à outra, gerando o efeito de sentido de que ao mesmo tempo em que uns criticam, outros comemoram. Acerca da conjunção, Koch (2004, p. 21) pontua que

A conjunção ou (conexão) permite estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores e partículas de ligação como e, mas, depois, assim, etc. Halliday e Hasan apresentam, como principais tipos de conjunção, a aditiva, a adversativa, a causal, a temporal e a continuativa.

Dessa forma, compreendemos que a conjunção é um mecanismo coesivo necessário à produção textual, uma vez que viabiliza uma construção congruente e dotada de sentido.

Outro termo que chama a atenção dentro do enunciado é a palavra *original*, em “*história original da Disney*”. É de conhecimento de muitos que grande parte das produções filmicas da Disney são adaptações de fábulas e contos de fadas que, originalmente, surgiram na oralidade e, posteriormente, foram transcritas e, enfim, publicadas. Com o conto “A Pequena Sereia” não foi diferente. Escrito por Hans Christian Andersen, em 1837, o enredo não é tão adocicado quanto a versão apresentada na clássica animação da Disney, de 1989. Nesse caso, a expressão *original* poderia ser substituída por *adaptada*, mas, talvez, não tivesse a mesma força argumentativa na expressão, pois a própria história produzida pela Disney, em 1989, já não era original.

Para finalizar o complemento da manchete (linha fina), utilizando da função conativa da linguagem e, assim, chamando a atenção do seu leitor, Leonardi utiliza o verbo *entender* no imperativo, estabelecendo o sentido de desejo, ordem, pedido ou instrução, seguido do ponto de exclamação, que também é utilizado para chamar a atenção e pode instituir o efeito de sentido do seu desejo. Além do mais, o ponto de exclamação aponta para a função emotiva da linguagem, por expressar os sentimentos da própria emissora do texto. Por isso, entendemos que a autora utiliza vários recursos linguísticos para construir seu texto, de acordo com a sua intencionalidade, buscando a aceitabilidade do seu público.

Sobre isso, Marcuschi (2008, p.128) explica que “a aceitabilidade, enquanto critério de textualidade, parece ligar-se às noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade”. Como a aceitabilidade diz respeito à expectativa do receptor, daí a dificuldade em estabelecer os seus limites. Portanto, a aceitabilidade cabe ao receptor, considerando que ele irá analisar o nível de coerência e coesão do texto, podendo aceitar ou não e, conseqüentemente, ampliar os seus conhecimentos.

Considerações Finais

Apesar de ser um gênero informativo por natureza, o texto jornalístico também possui um viés persuasivo. Não poderia ser diferente, pois todo emissor visa, em última instância, a que seu interlocutor acredite nas informações apresentadas e, no mínimo, considere as opiniões expressas. Dessa forma, busca estabelecer, manter e ampliar a confiança dos leitores em relação àquele meio de comunicação.

Ao analisar o objeto de estudo apresentado, fica evidente que sua construção se baseia em um contexto sociocomunicativo, histórico e cultural. Carla Leonardi, a jornalista responsável, empregou com destreza os critérios de textualidade, elementos que foram direcionados para alcançar os objetivos de sua comunicação e criar os efeitos de sentido desejados.

Observamos que o título em análise foi elaborado com a utilização de diversos recursos linguísticos, escolhidos pela autora com uma intencionalidade. Isso enfatiza a importância de reconhecer e compreender esses elementos no texto, a fim de garantir uma compreensão adequada.

Nesse gênero jornalístico, a titulação segue uma evolução que a alinha ao discurso publicitário. Ela substitui a objetividade informativa por uma linguagem persuasiva e sedutora. Os títulos buscam impactar o leitor a ponto de despertar seu interesse pelo conteúdo da reportagem e, ao mesmo tempo, assim como o produto anunciado por um anúncio publicitário, não pode enganar o consumidor sob pena de perder a credibilidade. Similar a um anúncio publicitário, o título deve ser atraente e contribuir para condensar a perspectiva do texto sobre o assunto abordado.

Portanto, podemos notar que a autora empregou uma abordagem estratégica ao condensar o texto por meio do uso dos dois pontos (:). Além disso, ela fez uma seleção cuidadosa de palavras que se encaixam no campo semântico de 'guerra', sugerindo um conflito entre dois grupos de leitores (fãs X entusiastas). A utilização de uma expressão em língua estrangeira, moderna e inovadora para os meios de comunicação destaca-se no enunciado e chama a atenção do leitor. Leonardi também empregou uma frase nominal, estratégia que oferece uma visão estática da mensagem que se deseja transmitir, de modo a permanecer na memória do leitor. A palavra "representatividade", por si só, carrega um apelo emocional que pode aproximar o leitor do texto. Além disso, o uso do imperativo e do ponto de exclamação serve para chamar a atenção e conferir um tom de desejo ou instrução ao enunciado, incorporando as funções da linguagem emotiva e conativa.

Em resumo, a análise revelou elementos de informatividade, intencionalidade, situacionalidade e intertextualidade, entre outros recursos. No entanto, vale destacar que, embora a jornalista tenha a intenção de que sua posição seja aceita pelos leitores da revista, a aceitabilidade é uma questão individual, e o receptor tem o poder de determiná-la.

É interessante observar que o tema abordado na reportagem gerou uma polêmica significativa, levando a The Walt Disney Company Brasil a lançar, em 2 de fevereiro de 2023, a campanha "Vozes da Diversidade". Esse projeto reúne dez histórias de pessoas reais que compartilham suas inspiradoras trajetórias relacionadas à diversidade e representatividade dos contos em curtas-metragens de um minuto. Isso nos leva a refletir sobre como o assunto continuará gerando discussões e dando origem a diversas outras abordagens por meio de outros títulos.

Referências

BEAUGRANDE, Robert Alan de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1983.

BETTELEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f.

Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Maria do Socorro de Oliveira *et al.* **Análise do Discurso: Fundamentos e Prática**. Maceió: Edufal, 2009.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto 2014.

LEONARDI, Carla. **A Pequena Sereia: teaser com Ariel negra é alvo de ataques na internet**. *Bebê.com.br*. 13 set. 2022. Disponível em <https://bebe.abril.com.br/familia/a-pequena-sereia-teaser-com-ariel-negra-e-alvo-de-ataques-na-internet/>. Acesso em 20 jan. 2023.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora da UnB, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. ***Linguística de Texto: o que é, como se faz***. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates I, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. ***Produção textual, análise de gêneros e compreensão***. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. ***Ensaio de estilística da língua portuguesa***. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. ***Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa***. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ROJO, Roxane Helena R.; MOURA, Eduardo. ***Letramentos, mídias, linguagens***. São Paulo: Parábola, 2019.

VAL, Maria da Graça Costa. ***Redação e Textualidade***. São Paulo: Martins Fontes, 1991.